

Educação Física e saúde mental: uma revisão narrativa sobre as experiências narradas por estudantes em trabalhos de conclusão de curso do bacharelado em Educação Física da UFRGS

RESUMO

Neste artigo de revisão narrativa, buscamos compreender os conhecimentos que mobilizaram os estudantes a narrarem suas experiências nos trabalhos de conclusão de curso do bacharelado em Educação Física da UFRGS. Para isso, nosso esforço inicial foi buscar por trabalhos qualitativos do tipo narrativo, processo que nos oportunizou localizar um número expressivo de trabalhos deste tipo no campo da saúde mental. Assim, utilizamos a experiência acumulada e apresentada nos trabalhos localizados neste campo como material empírico desta revisão, sendo selecionados 6 trabalhos sobre os quais realizamos uma meta-análise resultando nos seguintes temas de discussão: o exercício da ação-reflexão e a experiência do corpo consciente. Nessa direção, o esforço deste trabalho foi apontar reflexões sobre a formação na área pela problematização do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física;
Bacharelado; Saúde mental; Relato de experiência

Gabriel Ziel Boldori

Mestrado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
gabrielzielboldori@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6746-4366>

Lucas Silva Skolaude

Mestrado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
lucasskolaude@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2108-558X>

Laís Lima Ferreira

Doutorado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
laislimaferreira@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9940-4117>

Fabiano Bossle

Doutorado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
fabiano.bossle@ufrgs.br
<https://orcid.org/0000-0002-9048-6109>

Physical education and mental health: a narrative review of the experiences narrated by students in the final paper of the bachelor's degree in physical education at UFRGS

ABSTRACT

In this narrative review article, we seek to understand the knowledge that mobilized students to narrate their experiences in TCCs of the bachelor's degree in Physical Education at UFRGS. To this end, our initial effort was to search for qualitative works of the narrative type, a process that allowed us to locate a significant number of works of this type in the field of mental health. Thus, we used the accumulated experience presented in the works located in this field as empirical material for this review, selecting 6 works on which we conducted a meta-analysis resulting in the following topics of discussion: the exercise of action-reflection and the experience of the conscious body. In this direction, the effort of this work was to point out reflections on training in the area through the problematization of knowledge.

KEYWORDS: Physical education; Bachelor degree; Mental health; Experience report

Educación física y salud mental: una revisión narrativa sobre las experiencias narradas por los estudiantes en la realización del curso de licenciatura en educación física de la UFRGS

RESUMEN

En este artículo de revisión narrativa, buscamos comprender los saberes que movilizaron a los estudiantes a narrar sus experiencias en su trabajo final de carrera de Licenciatura en Educación Física en la UFRGS. Para lograrlo, nuestro esfuerzo inicial fue buscar obras cualitativas de tipo narrativo, proceso que nos dio la oportunidad de localizar un número importante de obras de este tipo en el campo de la salud mental. Así, utilizamos como material empírico para esta revisión la experiencia acumulada y presentada en los trabajos ubicados en este campo, seleccionando 6 trabajos sobre los cuales realizamos un metaanálisis resultando en los siguientes temas de discusión: el ejercicio de la acción-reflexión y la experiencia del cuerpo consciente. En este sentido, el esfuerzo de este trabajo fue señalar reflexiones sobre la formación en el área a través de la problematización del conocimiento.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Licenciatura; Salud mental; Informe de experiencia

INTRODUÇÃO

Neste artigo de revisão narrativa, buscamos compreender os conhecimentos que mobilizaram os estudantes a narrarem suas experiências nos trabalhos de conclusão de curso do bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS, oriundos de relatos ou narrativas que tiveram como referência as experiências vividas por eles ao longo da formação acadêmica. O processo de pesquisa nos levou a analisar trabalhos localizados no campo da saúde mental, onde concentram-se um maior número de trabalhos do tipo que dedicamos nossa atenção, atravessando, em sua maioria, experiências ocorridas nos estágios curriculares obrigatórios.

Em princípio, é importante destacar que o motivo inicial pelo qual realizamos esta revisão é representado pelo que diz sobre os trabalhos de conclusão dos cursos (TCC) de licenciatura e bacharelado no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Educação Física da UFRGS, e que analisaremos mais minuciosamente adiante. Neste documento, consta uma orientação particular para que esses trabalhos no curso de licenciatura assumam um foco pedagógico, ainda que o *locus* não necessite ser, precisamente, o espaço escolar. Entendemos que essa importante orientação sobre os TCC's sugere um entendimento político progressista sobre o campo da Educação Física, uma vez que se alinha ao posicionamento sobre a especificidade pedagógica da Educação Física na escola, ao mesmo tempo que não fragmenta o caráter pedagógico intrínseco à Educação Física como área de conhecimento, como já defendeu Bracht (2014). Além disso, vale o destaque sobre que, na UFRGS, até 2018, havia somente a possibilidade de ingresso no curso de licenciatura em Educação Física, sendo a formação do bacharelado complementada por meio de reingresso de diplomado. Isso significa que para cursar o bacharelado, primeiro os estudantes deveriam concluir a formação da licenciatura na instituição¹.

Sendo assim, a orientação sobre os TCC's parece resgatar a historicidade científica da Educação Física com o intuito de transformá-la, pois, conforme também já analisou Bracht (2014), ela é permeada por relações de dominação que se estabelecem, sobretudo, discursivamente (Bracht, 2019), no âmbito epistemológico (Bracht, 2014). Nesse sentido, a leitura crítico-reflexiva sobre o que aponta o PPC nos inquietou a pesquisar o conhecimento presente nos trabalhos conclusivos do

¹ No ano de 2018, ocorreu o último vestibular com ingresso somente no curso de licenciatura em Educação Física. Os vestibulares dos anos de 2019, 2020 e 2021 ofertaram o ingresso nos cursos de licenciatura e bacharelado, separados. Foi a partir de 2022 que, após a reforma curricular ocorrida no ano anterior, entrou em vigência a nova estrutura curricular, com ingresso único. Assim, hoje, o curso apresenta uma formação comum e a ramificação, a partir da 5ª etapa de formação, que se divide entre a formação da licenciatura e do bacharelado em Educação Física, definida pelo estudante.

bacharelado em Educação Física da UFRGS, no sentido de identificar trabalhos alinhados ao enfoque pedagógico. Pensamos: considerando a proposta curricular das formações superiores em Educação Física na UFRGS, será que o foco pedagógico que orienta os trabalhos conclusivos da licenciatura tem desdobramentos nos conhecimentos produzidos nos trabalhos conclusivos do bacharelado? Em pesquisa preliminar na base de dados da Instituição, encontramos um baixo número de TCC's do bacharelado em Educação Física que fossem resultado de reflexões, relatos ou narrativas sobre experiências, isto é, que abordassem o conhecimento em seu aspecto pedagógico. Esse primeiro movimento nos proporcionou refletir criticamente sobre a formação acadêmica em Educação Física pela problematização do conhecimento (Freire, 2005), uma vez que identificamos ser este o tema a problematizar. Assim, propomos a seguinte pergunta como problematização orientadora das buscas e análises que realizamos: “Que conhecimentos mobilizam os estudantes a narrarem suas experiências nos trabalhos de conclusão de curso do bacharelado em Educação Física da UFRGS?”.

Como aspectos importantes nas análises que apresentamos neste trabalho, consideramos a historicidade da Educação Física em sua relação com a ciência e, desse “casamento”, como já propôs Bracht (2014), a forma como os estudantes constroem suas experiências de conhecimento, assim como são mobilizados por elas. Desse modo, nesta revisão, assumimos o conceito de conhecimento em Paulo Freire (2005), uma vez que o autor o posiciona como ação que carrega consigo um caráter pedagógico manifestado em forma de desvelamento crítico da realidade. Isso significa dizer que o conhecimento nunca está fragmentado da experiência existencial de quem o constrói, sendo, por isso mesmo, processo de conscientização (Freire, 2005), do contrário, é processo de colonização (Freire, 2019).

Considerando a especificidade do campo em que os trabalhos analisados se encontram, ou seja, o campo da Educação Física na saúde mental, a discussão que propomos não é nova (Roble; Moreira; Scagliusi, 2012; Santos; Albuquerque, 2014; Damico; Bilibio, 2015). Contudo, entendemos que nosso trabalho contribui ao pensamento sobre a construção do conhecimento na Educação Física relacionado à atuação profissional, sobretudo em saúde, o que buscamos fazer através do debate crítico sobre o conhecimento e seu aspecto pedagógico.

Por fim, as interpretações que propomos ao longo deste trabalho encontram-se articuladas teoricamente com os trabalhos de Paulo Freire, assim como a autores/a da Educação Física do denominado “movimento renovador” (Bracht *et al*, 2011; 2012) e estudos no campo da Educação Física na saúde mental. Na sequência, apresentamos o processo metodológico de busca dos trabalhos que foram analisados.

1. MÉTODO DE BUSCA E APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

1.1 Método de busca, resultados e identificação dos trabalhos

As buscas foram realizadas no Repositório Digital da UFRGS, a plataforma Lume, na qual direcionamos a busca por trabalhos acadêmicos e técnicos, conforme *link* específico para tal acesso. Nessa categoria, filtramos a busca somente por trabalhos de conclusão de curso de graduação e, na sequência, por trabalhos de conclusão de curso de graduação do curso de bacharelado em Educação Física. Não foi delimitado um recorte temporal nesta revisão².

Como o resultado apontou 412 trabalhos, optamos por não utilizar palavras-chave para direcionar a busca, decisão que nos oportunizou uma escolha mais atenta dos trabalhos ao não considerar somente aqueles que, por exemplo, resultassem de busca a partir de determinadas palavras-chave – nesse caso, entendemos que a forma literal mais próxima da intenção de busca desta pesquisa, isto é, através do uso de descritores, seria “relato de experiência”³.

Após a leitura dos títulos e, no caso de dúvidas sobre algum trabalho, o acesso aos resumos, foram selecionados 18 estudos, conforme o quadro que mostramos a seguir:

Quadro 1: Estudos selecionados após revisão no LUME/UFRGS

Título do trabalho	Autor(a)	Ano
Educação física na saúde mental: Residencial Terapêutico Morada São Pedro	Silva, Cláudia Maria Duarte Dutra e	2012
O estágio curricular de educação física em um centro de atenção psicossocial (CAPS): um relato de experiência sobre o processo de aprendizagem em serviço	Goldschmidt Filho, Francisco	2013
Estágio curricular na recreação terapêutica em um serviço de oncologia pediátrica: um relato de experiência do processo de aprendizagem na educação física hospitalar	Schmitt, Renato Porto	2014
As relações e interações entre os bolsistas do PET/Saúde e entre os profissionais do CEREST/PoA: um relato de experiência	Silva, Rangele Guimarães Viegas da	2014
Práticas corporais em uma Unidade Básica de Saúde: relato de experiência de uma estudante de Educação Física junto a um grupo de convivência dedicado à vida saudável	Dahlke, Ana Paula	2014

² Embora o currículo do curso de Educação Física da UFRGS tenha sido reformado, entendemos que a formação não ocorre de forma rigidamente linear, e que trabalhos datados mais recentemente podem ter sido produzidos por estudantes que vivenciaram a antiga proposta curricular, ou seja, tendo finalizado primeiro a formação da licenciatura e, posteriormente, o bacharelado.

³ Por curiosidade, efetuamos a busca com o cruzamento dos seguintes termos: “Educação Física” AND “relato de experiência”. No entanto, apesar de apresentar 33 resultados, alguns estudos que compõe a base de informações deste trabalho não apareceram nesse resultado de busca, como o estudo de Conrado (2016), Alves (2018) e Magalhães (2019).

Relato de experiência no programa Primeira Infância Melhor (PIM): integralidade e educação física (EFi)	Dolores, Janaína da Silva	2014
Relato de experiência de um acadêmico de educação física sobre o estágio curricular em um projeto socioesportivo	Bach, Sérgio Rafael Camejo	2015
O território como cenário de ensino-aprendizagem no curso de educação física: um relato reflexivo de experiência	Braga, Raquel Helena Ritter	2016
Contos de um professor de educação física na saúde mental: (des) memórias de um residente em saúde mental coletiva	Bueno, Conrado Alencastro	2016
O profissional de educação física em hospital de alta complexidade	Pacheco, Andrea Zin Hubbe	2017
Experimentações e aprendizagem em uma internação psiquiátrica de um hospital geral	Kühn, Ana claudia Battisti Reinke	2017
Projeto de extensão “basquetebol na UFRGS”: um relato de Experiência	Cestari, Marcos Schirmer	2017
Educação física, saúde mental e o residencial terapêutico: um estudo autonarrativo	Alves, Alvaro Rogério da Costa	2018
Reconstruções em aulas de dança para crianças: um relato de experiência	Silva, Thaiely Costa da	2018
Narrativas sobre a Educação Física, uma Unidade de Internação Psiquiátrica e a crise	Magalhães, Rafael de Lima	2019
Método Pilates e suas influências na autoestima: relato de experiência	Mairesse, Marcelo D'Emile Kalicheski	2019
Imersão na ala pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre: experiências e aprendizagens de um estagiário de Educação Física	Gonçalves, Felipe de Oliveira	2019
Encruzilhadas e trajetórias de um mestre de capoeira angola: ensaios sobre a educação e a cultura popular como conquista e ação política	Dutra, Mário Augusto da Rosa	2022

Fonte: o autor.

Considerando que a busca na base de dados consultada apresentou um resultado de 412 trabalhos em seu acervo, o número de trabalhos selecionados revela uma baixa produção de conhecimentos a partir de relatos sobre as experiências que os estudantes vêm construindo ao longo da formação acadêmica. Nesse caso, experiências construídas seja pela vivência do campo profissional ou não, mas que se refiram ao processo reflexivo de entendimento sobre a constituição das distintas subjetividades no exercício profissional da Educação Física.

No PPC dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física da UFRGS, disponíveis para acesso na página da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança⁴, observa-se o seguinte apontamento a respeito dos trabalhos conclusivos da licenciatura:

III – No caso específico do TCC II da Licenciatura, este deverá ser resultado de reflexão que integre a construção teórica com as experiências adquiridas ao longo das práticas e do estágio obrigatório, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso.

IV – O TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS focaliza a relação pedagógica que se instaura entre os diferentes sujeitos e elementos presentes nos processos

⁴ Página onde constam os Projetos Pedagógicos de Curso:

http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=314. Acesso em 25/07/2023.

de ensino-aprendizagem da Educação Física em diferentes espaços não apenas da escola, tendo em vista que as relações de ensino e aprendizagem também se configuram em diferentes contextos, guardando especificidade aos ambientes onde se realizam. (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021, p. 323).

Do ponto de vista histórico, a especificidade fenomenológica da relação pedagógica tomada como foco dos trabalhos de conclusão de curso de licenciatura em Educação Física, conforme aponta o documento, indica um avanço político, epistêmico, curricular, pedagógico importante na superação de uma formação legitimada pelas marcas biomédicas (Frasson, 2020). Contudo, tomando como referência o resultado encontrado nesta revisão, a transferência desse foco parece não ocorrer quando é analisado a produção de conhecimento nos trabalhos conclusivos da formação acadêmica do bacharelado em Educação Física da UFRGS. Pelo contrário, na mesma busca identificamos um expressivo número de trabalhos de revisão do tipo narrativa objetivadas pela análise das relações de causa-efeito a partir de aspectos biodinâmicos sobre o corpo e o/em movimento.

Apesar do campo de atuação do bacharelado resguardar suas especificidades – mais ainda, suas “singularidades” (Damico; Bilibio, 2015) –, entendemos que o resultado encontrado traduz a hegemonia de uma determinada visão sobre a forma de se construir conhecimento na grande área, conforme Frasson, Molina Neto e Wittizorecki (2019) já identificaram em amplo estudo de revisão. Nesse sentido, tomando como referência a citação anterior e a ênfase sobre que a relação pedagógica que se constitui nos processos de ensino-aprendizagem da Educação Física não se restringe à escola, o campo de atuação do bacharelado não oportunizaria tal apreensão? Não havendo orientações específicas sobre os trabalhos conclusivos do bacharelado, o que explicaria a ausência de trabalhos reflexivos e de cunho pedagógico?

Levantamos essas questões num esforço inicial de crítica à racionalidade técnica que acompanha o campo da Educação Física em sua historicidade, conforme estudos já dedicados nesse sentido (Bracht, 2019; 2014; Kunz, 2012; Soares *et al*, 1992; Medina, 1990; entre outros), e que coloca no centro da discussão, em nosso entendimento, a apropriação crítica do conhecimento e a sua orientação ontológica e epistemológica (Freire, 1996). Nesse sentido, tomando como referência a revisão realizada, é como se a experiência existencial (Freire, 2005) não tivesse lugar na formação objetivada pelo bacharelado em Educação Física, sendo o conhecimento algo externo às experiências vividas pelos estudantes, ou seja, algo externo às suas subjetividades.

Retornando ao Quadro 1, os estudos selecionados apontam a uma diversidade de campos de atuação, porém, notamos que em um desses campos se encontra uma produção mais acentuada. Em ordem quantitativa de produção, são eles: saúde mental, com 6 trabalhos (Silva, 2012; Goldschmidt

Filho, 2013; Bueno, 2016; Kühn, 2017; Alves, 2018; Magalhães, 2019); atenção básica em saúde⁵, com 3 trabalhos (Dahlke, 2014; Dolores, 2014; Pacheco, 2017); extensão acadêmica, com 3 trabalhos (Silva, 2014; Cestari, 2017; Braga, 2016); pediatria, com 2 trabalhos (Schimitt, 2014; Gonçalves, 2019); capoeira, com 1 trabalho (Dutra, 2022); dança, com 1 trabalho (Silva, 2018); esportes, com 1 trabalho (Bach, 2015); exercício físico, com 1 trabalho (Mairesse, 2019).

Em vista disso, TCC's localizados no campo da saúde mental parecem apresentar uma experiência acumulada sobre o tipo de trabalho objetivado nesta revisão, portanto, constituindo um acervo interessante para delimitarmos a pergunta orientadora nesse grupo de trabalhos, e que apresentamos a seguir.

1.2 Apresentação dos trabalhos e direcionamento da discussão

Como dito, os trabalhos selecionados estão localizados no campo da saúde mental e, por óbvio, tratam do trabalho ou o do “desconhecido” trabalho profissional da Educação Física, como sugerem os estudos, em três *lôcus* distintos, sendo eles: Residenciais Terapêuticos (Silva, 2012; Alves, 2018), Centros de Atenção Psicossocial, os CAPS (Goldschmidt filho, 2013; Bueno, 2016) e Unidades de Internação Psiquiátrica, as UIP's (Kühn, 2017; Magalhães, 2019).

Os estudos se caracterizam por trabalhos qualitativos e identificam-se por relatos de experiência, estudos narrativos e autonarrativos, propondo como discussão os desafios enfrentados e as aprendizagens geradas no exercício profissional. Destacando-se, nas discussões promovidas, o reconhecimento das práticas e atitudes profissionais ante os contextos em que desenvolveram os trabalhos.

Como forma de apresentação dos trabalhos, no quadro abaixo compartilhamos os resumos que são apresentados no corpo dos estudos, em ordem cronológica de produção. Assim, localizamos, pontualmente, a discussão promovida por cada autor e autora:

⁵ Apesar do campo da saúde mental também integrar a rede da atenção básica do Sistema Único de Saúde, o SUS, justificamos a separação em razão de haver um quantitativo expressivo de trabalhos no campo da saúde mental, o que nos permite compreender melhor a experiência compartilhada neste campo em específico. Contudo, colocando os trabalhos em uma mesma categoria de análise, é possível identificar que a escolha do relato de experiência como modelo de trabalho é bastante utilizada no campo da atenção básica em saúde, corroborando com o que Goldschmidt Filho (2013) já identificou lá em 2013.

Quadro 2: Apresentação dos trabalhos e seus resumos.

Silva, Cláudia Maria Duarte Dutra e. “Educação física na saúde mental: Residencial Terapêutico Morada São Pedro”. 2012.
Resumo: Este trabalho é um relato do estágio realizado no Residencial Terapêutico Morada São Pedro, com o objetivo de registrar como foi essa experiência para enriquecer as discussões sobre a inserção do trabalho da educação física no campo da saúde mental e ampliar a gama de informações para os próximos estagiários ou profissionais da educação física que vierem a trabalhar no Morada São Pedro ou em algum serviço semelhante. Esse registro é importante porque a educação física é recente no campo da saúde mental e ainda não tem base firme para se consolidar nesse serviço. As atividades do estágio foram realizadas com moradores, homens e mulheres, com faixa etária entre 45 e 90 anos, egressos do Hospital Psiquiátrico São Pedro desde 2002. Esse é um grupo heterogêneo, com características que necessitam um trabalho individualizado a cada um. A maioria desses indivíduos permaneceu muito tempo internada no Hospital e possui cicatrizes dessa institucionalização, como a dificuldade na fala, o sedentarismo e alguns hábitos. Para construir as análises presentes nesse trabalho, criei um Diário de Campo, com a descrição das atividades realizadas durante o período do Estágio e busquei organizar uma revisão teórica, com a trajetória da saúde mental até os dias de hoje (para entender em que cenário a Educação Física se insere nos cuidados aos doentes mentais) e com as características dos Residenciais Terapêuticos, com foco no Residencial Morada São Pedro. Conclui que as possibilidades de atuação de um educador físico são muitas, mas similares à atuação em condomínios, como pessoais trainers ou como recreacionistas. Não havendo uma discrepância na forma de tratar ou no que trabalhar com os usuários do serviço do Residencial Terapêutico. Além disso, ainda surgiu a dúvida da importância de ser um profissional da Educação Física a atuar com esses usuários, comparado ao trabalho de um terapeuta ocupacional ou qualquer funcionário do Residencial. A importância de ser um profissional da EFI está em identificar a necessidade das atividades físicas de cada morador e organizar uma periodização, e não tanto na execução dessa periodização, dependendo do que for planejado. É preciso mais da parte dos profissionais da educação física para buscar o reconhecimento da sua importância na área da saúde, já que ainda não há muitas referências a esse profissional nos registros do Sistema Único de Saúde.
Goldschmidt Filho, Francisco. “O estágio curricular de educação física em um centro de atenção psicossocial (CAPS): um relato de experiência sobre o processo de aprendizagem em serviço”. 2013.
Resumo: Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), vinculados ao Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS), caracterizam-se como a principal alternativa para a mudança do modelo clássico de tratamento em psiquiatria centrado no manicômio. Esse serviço se caracteriza pela implementação de projetos terapêuticos elaborados por uma equipe multiprofissional em saúde que almejam a reinserção social e autonomia de indivíduos em sofrimento psíquico. O profissional de Educação Física (EFI) pode ser integrante dessa equipe, no entanto sua presença não é garantida por lei. É nesse contexto que desenvolvo meu trabalho, dentro de um CAPS da cidade de Porto Alegre no qual realizei meu estágio curricular obrigatório e que conta com uma profissional de EFI na equipe multiprofissional. Sendo assim o objetivo principal do estudo é entender de que modo se processa a aprendizagem em estágio dos estudantes de EFI no serviço de saúde mental em um CAPS. A partir da perspectiva de um estudo qualitativo faço uso da observação participante e registros em caderno de impressões acerca do trabalho desenvolvido nas oficinas de teatro e passeio, e em reuniões com a equipe de recreação terapêutica. A fim de responder ao objetivo do estudo, construí de três categorias de análise que emergiram das vivências no estágio: (1) Relação dos usuários com os estagiários; (2) Relação dos estagiários com as profissionais de EFI e Terapia Ocupacional (TO); (3) Papel terapêutico das oficinas de passeio e teatro. A partir da análise dessas categorias foi possível constatar que o tema sobre saúde mental não foi aprofundado durante minha graduação; os usuários têm uma boa aceitação dos estagiários; tanto a profissional de EFI quanto a de TO contribuíram muito para o aprendizado dos estagiários.
Bueno, Conrado Alencastro. “Contos de um professor de educação física na saúde mental: (des) memórias de um residente em saúde mental coletiva”. 2016.
Resumo: O presente estudo permeia uma experiência de dois anos como professor de educação física na Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva vinculada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Através de três contos, narro algumas de tantas situações que passaram pelos cotidianos dos

serviços de saúde ao quais me vinculei como residente compondo equipes de trabalhadores desse serviço. O primeiro conto se explicita uma visita domiciliar juntamente com um dos profissionais até a moradia atual de um usuário, o segundo conto explana sobre um momento de acolhimento para com um usuário que busca o serviço para o almejo de conversar sobre um planejamento singular para com a sua vida e o terceiro e último descreve um apanhado de instantes com outro usuário do serviço e através de uma busca ativa que não aconteceu, mas que se queira possa acontecer. Contos que atravessaram um serviço de saúde mental para usuários de álcool e outras drogas e que me marcam até hoje como relatos de experiência na singularidade da minha aprendizagem na residência dessa relação ensino-serviço, universidade-mundo do trabalho durante o tempo que passou.

Kühn, Ana claudia Battisti Reinke. “Experimentações e aprendizagem em uma internação psiquiátrica de um hospital geral”. 2017.

Resumo: A atenção em saúde mental é oferecida no Sistema Único de Saúde (SUS) por ações municipalizadas (organizadas por nível de complexidade) e por um financiamento tripartite. A Rede de Cuidados em Saúde Mental, Crack, Álcool e outras Drogas, a partir da Política Nacional de Saúde Mental, prevê os Centros de Atenção Psicossocial (CAPs), Serviços Residenciais Terapêuticos, Unidades de Acolhimento, Centros de Convivência e Cultura e os leitos de atenção integral em Hospitais Gerais. O presente estudo caracteriza-se como um trabalho qualitativo exploratório e configurado como um relato de experiência de estágio em uma internação psiquiátrica de um Hospital Geral. O compartilhamento das notas feitas durante o período de estágio, organizadas em forma de diário de campo, serão utilizadas como ferramenta para as inquietações, questionamentos, sentimentos, problematizações que surgiram ao longo da caminhada. O objetivo é refletir e dialogar sobre essa experiência moral, sobre os estigmas e os significados dessa experiência na saúde mental.

Alves, Alvaro Rogério da Costa. “Educação física, saúde mental e o residencial terapêutico: um estudo autonarrativo”. 2018.

Resumo: O objetivo desse Trabalho é compreender como ocorre o trabalho de um profissional de Educação Física em um residencial terapêutico, a relação com os moradores, com a equipe multiprofissional, a produção do cuidado e seus desafios. Metodologicamente consta de pesquisa qualitativa de natureza descritivo-interpretativa a partir de uma autonarrativa. Os procedimentos para a obtenção da informação foram: a análise dos documentos, a observação participante e os diários de campo. Como revisão de literatura abordou-se O Histórico e a Compreensão sobre o que é um Residencial Terapêutico; A Educação Física e a Saúde Mental; o Itinerário Terapêutico como conceito e como último enfoque da revisão, a Produção Subjetiva do Cuidado. As categorias de análises estão assim elencadas para a reflexão: Práticas Corporais e o Itinerário Terapêutico; O Profissional de Educação Física e a Produção do Cuidado e Equipe Multiprofissional e a Educação Física. Como resultados o estudo apontou a) que considerar os aspectos subjetivos e singulares de um morador do Residencial Terapêutico a partir da perspectiva teórico-metodológica do itinerário terapêutico pode ajudar o profissional de Educação Física, juntamente com a equipe multiprofissional a elaborar estratégias terapêuticas mais eficazes em saúde; b) a importância dos saberes e afazeres comuns em uma equipe multiprofissional da saúde, onde cada profissão busca apoio em outra para cumprir suas tarefas teóricas e práticas em um Residencial Terapêutico; c) e o entendimento do relevante significado da produção do cuidado com integralidade em um campo de trabalho em saúde, especialmente na lógica desinstitucionalizante do Residencial Terapêutico.

Magalhães, Rafael de Lima. “Narrativas sobre a Educação Física, uma Unidade de Internação Psiquiátrica e a crise”. 2019.

Resumo: Os serviços de Saúde Mental compõem um campo de trabalho no qual o profissional de Educação Física pode estar atuando. Um desses espaços de atuação são as unidades de internação psiquiátrica. Fiz parte de um Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, na área de concentração da saúde mental. Lá, surgiram diversas experiências que marcaram a minha formação profissional e pessoal. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é desenvolver uma narrativa sobre algumas dessas experiências. Narrativas sobre acontecimentos que vivenciei na Unidade de Internação Psiquiátrica (UIP) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e que foram atravessados pela noção de crise. Os relatos buscam dar visibilidade às dúvidas, medos e sentimentos presentes em situações inesperadas e de risco; situações denominadas como crise em saúde mental. A crise como condição muitas vezes determinante para a internação de

pessoas no hospital. Pessoas que vivem dramas não muito distantes dos nossos. A crise também como intercorrência que exige uma resposta imediata; em tempos tão curtos que apenas após o fato ocorrido conseguimos refletir sobre a decisão tomada e suas repercussões na dinâmica de trabalho. Dessa forma, o que é proposto no presente estudo, é narrar e discutir algumas experiências de crise, na suspeita de que tal discussão permanece praticamente inexistente nos espaços de formação da educação física, mesmo este sendo um dos núcleos de atuação no campo da saúde mental.

Fonte: O autor.

Após as leituras na íntegra dos trabalhos, orientadas pelo esforço de uma meta-análise, nos debruçamos sobre dois aspectos relacionados às experiências de conhecimento vividas pelos estudantes no campo da saúde mental, e sobre os quais desenvolvemos a argumentação que somará esforços para responder à pergunta orientadora desta revisão (“Que conhecimentos mobilizam os estudantes a narrarem suas experiências nos trabalhos de conclusão de curso do bacharelado em Educação Física da UFRGS?”). Os aspectos são: o exercício da ação-reflexão e a experiência do corpo consciente. Assim, nas considerações finais abordamos sobre a relação entre o relato das experiências e as descobertas, pelos estudantes, em suas distintas experiências.

2. ANÁLISE DOS TRABALHOS E DISCUSSÃO

2.1 O (des)conhecimento e o exercício da ação-reflexão

Embora os resultados da revisão tenham revelado um baixo número de trabalhos pautados pelas experiências dos próprios estudantes, estudos localizados no campo da saúde mental não vêm mostrando isso. Identificamos que a possibilidade de realização do estágio obrigatório no campo da saúde mental vem permitindo aos estudantes o contato com um campo tomado como “desconhecido”, sendo este desconhecimento a justificativa de sua escolha e o principal motivo de questionamentos sobre o “como-fazer” no decorrer das experiências de conhecimento do campo e exercício profissional.

Esse desconhecimento, no entanto, a partir do que os trabalhos apresentam, refere-se a dois aspectos: a pouca abordagem, na formação acadêmica, a respeito desse campo de trabalho e, por consequência, a falta de apropriação sobre as possibilidades do desempenho profissional nele. Por isso, a possibilidade de vivenciar esse trabalho profissional e “enfrentar o novo”, como cita Goldschmidt Filho (2013), vem lançando os estudantes a esse desafio. Sendo a experiência que se desdobra a partir dessa motivação, e que talvez oriente a própria narrativa sobre o “enfrentamento”, um dos motivos que talvez resulte na decisão pelo relato das experiências como foco dos trabalhos de conclusão de curso que se localizam nesse campo, e que discutiremos mais precisamente adiante.

Porém, entendemos que isso não significa dizer que as características autorais dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes são motivadas somente pela experiência do desconhecido ou

daquilo que ainda não foi regulado, epistemologicamente, pela ciência dominante (Bilibio; Damico, 2011) – o que excluiria o papel e, principalmente, o condicionamento político, epistemológico, pedagógico da consciência (Freire, 2005), por exemplo. Mas, sim, que a oportunidade de experimentar o “desconhecido”, nesse caso, parece mobilizar as subjetividades no trabalho em conhecimento, mobilizando, a exemplo disso, o exercício de questionamento das realidades vividas, como identificamos no que escreve Silva (2012):

Este trabalho é um relato da minha experiência como estagiária de educação física no Residencial Terapêutico Morada São Pedro. Estágio realizado durante o período de 11 de abril a 12 de Julho. Pretendo, aqui, deixar registrado como foi essa experiência no estágio com o objetivo de enriquecer as discussões sobre o tema e ampliar a gama de informações para os próximos que vierem a trabalhar no Morada São Pedro ou em algum serviço semelhante. Neste sentido, cabe compartilhar a problematização que emergiu durante o percurso de minha formação no estágio: Quais são as possibilidades de intervenção de um profissional de educação física no tratamento das pessoas com distúrbios mentais graves? Qual trabalho do educador físico é realmente eficaz e importante no tratamento dessas pessoas? (p. 6).

No sentido da discussão que propomos, entendemos que as perguntas levantadas pela estudante, tão somente, não rompem, epistemologicamente, com uma racionalidade científica conservada na prescrição acrítica de conhecimentos. Contudo, em seu relato, o ponto de partida que a mobiliza a agir parece não ser o do conhecimento “pronto”, mas a própria realidade que vai sendo apropriada pela consciência, na forma de ação-reflexão (Freire, 2005).

Nesse sentido, Magalhães (2019) assume a seguinte justificativa em seu trabalho:

[...] justifica-se o presente estudo sobre os relatos de experiências de um profissional de educação física na internação psiquiátrica, visto a relevância do tema em apresentar uma situação bastante desconhecida em um campo pouco explorado pela Educação Física e as dificuldades e aprendizagens dessa experiência. (p. 3).

Nesse trecho, entendemos que o destaque ao desconhecimento do campo profissional da Educação Física na saúde mental, somado à ênfase nas dificuldades e aprendizagens de sua experiência parece localizar o esforço de comunicação da particularidade subjetiva do saber produzido na “experiência em si”, como sugere Kühn (2017, p. 11-12), caracterizando o relato enquanto instrumento para um maior “conhecimento de si” e, assim, compartilhar esses saberes tendo como referência, portanto, uma experiência transformadora, e não um quadro de valores a ser quantificado.

Cabe destacar que os trabalhos aqui analisados contextualizam o trabalho do profissional da Educação Física no bojo da experiência cultural em construção pós-reforma psiquiátrica no Brasil, apontando à importância do desenvolvimento do trabalho do profissional da Educação Física em compromisso com um projeto político de saúde enfaticamente pública, orientado pelo princípio do cuidado. Entendemos que talvez essa apropriação, que não é regulada por diretrizes que limitam o

campo de trabalho da Educação Física e das outras áreas da Saúde que integram o campo da saúde mental – visto que a transdisciplinaridade é bastante destacada nos relatos dos estudantes, ou seja, enquanto marca da tradução cultural do cuidado –, também pôde favorecer a tomada de consciência (Freire, 2019) no desenvolvimento do trabalho e, talvez, a incorporação de uma prática educativa crítica de ciência humanizadora (Freire, 1996).

Em diálogo com Damico e Bilibio (2015), entendemos que as especificidades humanas do campo de atuação em debate podem, como mais à frente sugere Kühn (2017), “tombar” profissionais que se colocam sustentados somente em conhecimentos técnicos e receitas a serem prescritas que não promovam qualquer reflexão, sugerindo que é preciso um comprometimento com uma “atitude cartográfica”: “Nossa suspeita inclina-se sobre a ideia de que precisamos de uma *atitude cartográfica* [...], muito mais do que fornecimento de mapas: o comprometimento de fabricá-los em ato, numa implicação sensível ao processo de trabalho da produção do cuidado em saúde mental” (Damico; Bilibio, 2015, p. 62). Os relatos apresentados nos trabalhos mostram isso, demonstrando que a superação de uma formação pautada por um pensamento biomédico e objetivamente técnico sobre o corpo deve ser pauta permanente nas formações superiores em Educação Física.

Articulando essas análises ao esforço de compreensão sobre o papel da formação acadêmica, talvez os estudos analisados indiquem uma tarefa pedagógica custosa ao *status* científico do conhecimento historicamente veiculado nos cursos de formação superior em Educação Física, qual seja, a problematização (Freire, 2005) do campo profissional da Educação Física. Pensemos, qual amplitude pode assumir o conhecimento na prática profissional quando o campo profissional é problematizado como território social-político-pedagógico-econômico de possibilidades e não de dominação?

Os relatos dos estudantes expõem diversos aspectos do exercício dessas possibilidades, apontando a aprendizagens que vão além de uma experiência orientada pela prescrição e que, em nosso entendimento, podem ajudar-nos a entender a razão de ser dos relatos das experiências. Sobre esses aspectos que trataremos a seguir.

2.2 Sobre a experiência do corpo consciente

O destaque sobre o desconhecimento do campo em questão assim como o desdobramento das experiências considerando a forma como os questionamentos foram sendo levantados pelos estudantes ao se inserirem nos contextos de atuação nos levaram a identificar uma mobilização subjetiva ocorrida nas distintas experiências vividas, ao alcance do que sugerimos ser uma tomada

de consciência (Freire, 2005). Ao dizermos isso, consideramos a particularidade dos esforços em apreender os contextos vividos e as distintas inserções dos estudantes pela ação-reflexão (Freire, 2005), assim como as compreensões sobre as singularidades das próprias experiências compartilhadas na forma de trabalhos narrativos. Sendo assim, nos cabe agora analisar e discutir sobre os conhecimentos gerados nesse exercício pedagógico vivido pelos estudantes, o que entendemos constituir uma experiência do corpo consciente.

Em seu recente livro, Valter Bracht (2019) compartilha uma pergunta pertinente quando aborda o tema do corpo em sua relação com a experiência, ele questiona: “O que pode o corpo?”. Trazendo essa pergunta à discussão que propomos neste texto, entendemos que Goldschmidt Filho (2013) sugere um exemplo de resposta que atende muito bem à possibilidade de pensar a capacidade histórica do corpo na sua integração (Freire, 2019) com o contexto social, e que pode ser identificada em trecho de seu relato que trazemos na sequência:

Nesse momento paro para pensar na figura do profissional de EFI como integrante de uma equipe multiprofissional de um CAPS. Tendo em vista que sua presença não é obrigatória, com o que podemos contribuir? Essa não é uma questão fácil de ser respondida, sendo a EFI uma profissão nova na área da saúde, esta ainda busca seu maior reconhecimento. Todavia, pode-se afirmar que no trabalho em saúde mental não se pode implantar um modelo de EFI “engessado”, é necessário que esse modelo surja de dentro do serviço, de dentro do CAPS. (Goldschmidt Filho, 2013, p. 40-41).

Acrescentaríamos que esse modelo de Educação Física que defende o estudante não só deve surgir de “dentro” do serviço, como – e aí é que o estudante responde à questão colocada por Bracht (2019) – deve surgir da intencionalidade de quem desenvolve esse trabalho, ou seja, enquanto corpo consciente⁶ (Freire; Faundez. 2011). É interessante notar a proximidade da compreensão de Goldschmidt Filho (2013) com o relato de Silva (2012) discutido no capítulo anterior, e a interpretação que propomos sobre sua apropriação do contexto pela ação-reflexão.

Os relatos dos estudantes nos apontam aprendizagens que vão além de uma simples análise dos resultados da “aplicação” de determinados conhecimentos, apresentando elementos que nos oportunizam a compreensão sobre que as experiências construídas no campo profissional da Educação Física na saúde mental vêm rompendo com uma postura “clínica” que acaba colocando o

⁶ Na obra “Por uma pedagogia da pergunta”, Paulo Freire, em diálogo com Antonio Faundez, traz a seguinte compreensão: “O corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive!” (Faundez; Freire. 2011, pág. 41). Nesse sentido, entendemos neste texto o corpo consciente na condição do sujeito descobrindo-se, porque agindo, conhecendo e problematizando a sua própria realidade, enquanto fazedor da própria história. Portanto, corpo consciente que transcende o primado da razão, que rompe com a dicotomia colonial que separa corpo e mente. Corpo consciente porque vai se descobrindo também corpo político.

sujeito como objeto de um conhecimento que “fala por si”: ou seja, sem qualquer relação pedagógica com o contexto social e os sujeitos nele inseridos.

Na apresentação de seu relato, a estudante Ana Kühn (2017) relata o seguinte: *“Além de todas as atividades programadas e propostas, a interação com os pacientes, suas histórias de vida, os imprevistos, os medos foram grande parte da produção dessa pesquisa.”* (Pág. 9). Além do relato de Ana, os demais trabalhos também trazem narrativas nesse sentido, ou seja, trazendo como fio condutor dos relatos cenas em que o conhecimento e as tomadas de decisões passam pelo sujeito sendo tocado enquanto corpo. Corpo que se descobre consciente quando enxerga a feitura da própria subjetividade no ato singular do próprio conhecimento.

Nesse sentido, Damico e Bilibio (2015) sugerem o deslocamento da noção de “especificidade” da prática, para o de “singularidade”, tornando cada contexto único e as práticas e experiências particulares:

[...] pensamos que o mais potente para a produção de sentidos sobre a especificidade da prática seja o exercício de estranhar o caminho mais seguro, realizando um desvio que priorize a constante metamorfose. Assim, propomos aqui ir da especificidade da educação física para a(s) singularidade(s) da produção do cuidado em saúde mental”. (P. 63-64).

Entendemos que essa compreensão sobre as ações e o conhecimento que se edifica na prática se constitui na organicidade com que se relaciona com os contextos e os sujeitos neles inseridos. Nessa direção, os trabalhos trazem uma noção de que seria necessária uma “abertura” às realidades vividas ao conhecimento sobre o campo de atuação em debate, como é possível identificar no trabalho de Ana Kühn (2017) e o posicionamento de sua compreensão sobre o conceito de experiência:

Se por um lado, a noção de experiência moral colabora para pensar sobre comportamentos e estigmas presentes relações sociais, por outro lado, ela deixa de lado a definição e a experiência em si, a angústia da dúvida, o frio na barriga, o sem sentido vivenciado no corpo, o acontecer da experimentação; aspectos que foram muito importantes na minha passagem pela internação psiquiátrica em um hospital geral. (p. 11-12).

Entendemos que os aspectos referidos pela estudante compõem uma experiência de conhecimento mais complexa e profunda, pautada pela “abertura” do corpo ao que ela se refere como sendo uma “experiência de disponibilidade”:

Por maior que fosse a dificuldade para mim de tentar entender Lia, meu lugar como cuidadora e a minha reflexão vai ao encontro da ideia de Bondía [...] sobre o sujeito de experiência; em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura

essência. Essa abertura foi fundamental poder exercer meu trabalho de cuidadora com Lia, para que a experiência de disponibilidade se sobressaísse no conflito gerado com a experiência moral. (Kühn, 2017, p. 18).

Em seu relato, Goldschmidt Filho (2012) também coloca o seguinte:

Ao vivenciar a prática de outras atividades que não acreditava poder ser de incumbência da minha área percebo que a EFI pode contribuir no tratamento dos usuários para além das práticas corporais. Sendo ela integrante da equipe multiprofissional do serviço pode se engajar em atividades que em um primeiro momento não pareçam estar diretamente ligadas a sua especificidade, tais como: acolhimentos, escutas qualificadas, atividades de circulação pela cidade, culturais, de geração de renda entre outras tantas que surjam em decorrência das demandas do serviço em saúde mental do SUS. (p. 41).

Em vista disso, entendemos que a percepção sobre a importância da “disponibilidade”, como sugere Kühn (2017), parece exigir dos estudantes uma atitude epistemológica transdisciplinar em seus distintos desempenhos profissionais. Nesse sentido, os relatos parecem sugerir que essa transdisciplinaridade emerge dos estudantes ao experimentarem uma pedagogia da humanização (Freire, 1996) que rompe totalmente com a objetificação dos corpos, de si e dos outros. Portanto, experiência que permite aos estudantes se perceberem e, nesse reconhecimento de si, se descobrirem enquanto corpos conscientes (Freire; Faundez, 2011; Freire, 1996).

Assim sendo, retomando a pergunta orientadora deste trabalho (“Que conhecimentos mobilizam os estudantes a narrarem suas experiências nos trabalhos de conclusão de curso do bacharelado em Educação Física da UFRGS?”), entendemos que o foco dos estudantes não está no compartilhamento de um “resultado quantificado” de suas ações nessas distintas experiências. Pelo contrário, os trabalhos parecem expor que a experiência maior que se busca compartilhar pode ser traduzida no esforço em “sentir-pensar” a mediação cultural ocorrida na relação do corpo com o contexto social do campo profissional experimentado, isto é, a tradução da experiência de “pensar-sentir-fazer”, sugerido por Damico e Bilibio (2015). Nesse sentido, entendemos que as experiências narradas e analisadas neste trabalho só alcançaram uma potência (trans)formadora pela tomada de consciência (Freire, 2005) verificada nas distintas análises em que os autores e autoras realizaram sobre as próprias e distintas experiências existenciais, sendo precisamente aí que, em nosso entendimento, se processam os conhecimentos que mobilizam os estudantes à escolha pelos relatos ou narrativas como trabalhos de conclusão de curso: ou seja, como instrumento de significação pessoal e relevância social e política da experiência do corpo consciente em sua potência transformadora. Dito de outra forma, os conhecimentos que mobilizam os estudantes a narrarem suas experiências são os conhecimentos de corpo consciente.

DESCOBRINDO O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, os estudos analisados nos permitiram enxergar que entre o estudante e a “experiência do novo”, como sugeriu Goldschmidt Filho (2016), encontra-se um caminho cuja trilha é orientada pelo exercício da consciência e o seu desdobramento enquanto experiência de corpo consciente (Freire; Faundez, 2011). Nesse sentido, os relatos analisados parecem indicar a compreensão sobre que o conhecimento a ser construído no campo da Educação Física na saúde mental deve, historicamente, ocorrer por meio da abertura ou “disponibilidade” à experiência, como sugeriu Kühn (2017).

Aqui, portanto, cabe a noção de “tombo”, comentada na introdução deste texto, sugerida por Kühn (2017):

De certa maneira, fui *tombada* e transformada. Por isso, entendo ser válido e enriquecedor compartilhar e pensar sobre algumas destas experiências. Se lá ‘tombei’, agora preciso produzir alguns sentidos, desenvolver algum saber sobre a queda. Trata-se também da aposta de que, talvez, com a experiência feita e algum saber produzido, possa auxiliar colegas a pensar em algumas dimensões presentes nos encontros de cuidado em saúde mental. (Kühn, 2017, p. 13. Grifo da autora).

Que marcas produzem o tombo sofrido pelo corpo que conhece? Ou, por outra perspectiva, que corpo enxergamos na ausência do tombo?

A narrativa dirigida à singularidade da experiência, como sugerem Damico e Bilibio (2015), inviabiliza a homogeneização do conhecimento, identificando que antes da e na existe vida, porque existe sujeito! É notável que a ênfase na contribuição sobre o pensamento a respeito de “algumas dimensões presentes nos encontros de cuidado em saúde mental”, como coloca Kühn (2017), não se referem a situações enfermas a que o remédio de um conhecimento regulador possa curar, mas a dimensões reconhecidas somente pelo sujeito da experiência.

Nesse sentido, narrar as próprias experiências parece mais um dos desafios colocados pela descoberta desses estudantes enquanto sujeitos ativos das próprias experiências, no plural, enfatizando Magalhães (2019, p. 8) que:

[...] um relato de experiência é um relato particular, onde duas pessoas podem ter tido a mesma experiência, entretanto, terão relatos diferentes uma da outra. Cada pessoa pode ter percepções, vivências e visões diferentes da mesma situação. Um relato de experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e singular.

A “contingência” desse saber, como sugere o estudante, atravessado pela experiência cultural no campo profissional da Educação Física na saúde mental, o leva ao esforço de “relatar-narrar” o seu trabalho, colocando-se entre a descrição detalhada das vivências e o esforço de

composição narrativa de uma trama mais densa que amplie o entendimento da experiência singular vivida. Nesse mesmo sentido é que Kühn (2017, pág. 20) escreve que lhe parece “[...] *válido compartilhar a caminhada para que, talvez, a minha experiência possa ser tomada como própria por quem lê este trabalho agora*”. Se os estudantes conseguiram identificar a potência do conhecimento singular e as próprias subjetividades que vão se compondo na descoberta crítica do conhecimento (Freire, 2005), qual seria o ponto de articulação político-pedagógica dos relatos analisados?

Em seu trabalho, Conrado (2016) sugere o seguinte:

Assim, tentarei somar esforços, os de lembrar-me do meu aprendizado nesse tempo de acrescentar as experiências recentes e atuais de um trabalhador da saúde na área da saúde mental. [...] Podemos até pensar que estarei juntando alhos com bugalhos, mas se pensando na área da saúde, é o que a princípio tentamos fazer nesse exato momento em que estamos a compartilhar nossas experiências/vivências, sob a capa de uma palavra pomposa: a integração. (Conrado, 2016, p. 10).

Entendemos que a sugestão do estudante sobre a intencionalidade da integração representa esse ponto de articulação. Se considerarmos os esforços dos estudantes em compartilhar “dimensões”, “dificuldades”, “aprendizagens” dentre outros aspectos que tomam como referência a singularidade das experiências construídas no campo da saúde mental, é possível interpretar que o esforço maior pode, muito bem, consistir na integração: tanto no seu aspecto de diálogo entre diferentes conhecimentos (tendo como referência a transdisciplinaridade e a ampliação do diálogo sobre o trabalho profissional da Educação Física na saúde mental, como sugerem os trabalhos), quanto no aspecto já abordado anteriormente a partir do diálogo com Goldschmidt Filho (2016), ou seja, na integração do corpo com o contexto social, o que significa dizer que a experiência que se constitui pela integração é conscientemente dialógica (Freire, 2005).

Nesse sentido, com base nos trabalhos analisados e na discussão promovida, percebemos que a integração pode representar um potente princípio político-pedagógico à problematização e construção do trabalho da Educação Física na saúde mental, porque despertadora de uma pedagogia da humanização pautada pelo diálogo e o conhecimento crítico da realidade (Freire, 2005). O campo profissional onde se concentram os estudos analisados parece estar realizando esse exercício, cuja marca maior é o compartilhamento dos conhecimentos de corpo consciente na forma de relatos das experiências.

Assim, encerramos o esforço de análise neste trabalho apontando que o relato das experiências parece consistir num esforço de autoafirmação dos estudantes pela descoberta de si (Freire, 2005) enquanto sujeitos ativos das experiências, como sugere Kühn (2017, p. 20) quando coloca que “*Do ponto de vista da minha experiência, o importante foi não me opor, impor, mas sim*

me tornar o sujeito que, [...] é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar.

Esse ponto de chegada ou esse lugar pode ser, talvez, a própria consciência que, ao ser assumida pelo sujeito em reconhecimento de si, passa a reconhecer a potência pedagógica de sua humanização (Freire, 2005), como se estende Kühn (2017, p. 20) na percepção da própria historicidade quando coloca o seguinte: “*Escrevo hoje como um sujeito de experiência sabendo que minha experiência não é repetível, que sempre haverá algo novo e sempre haverá primeiras vezes [...]*”.

Entendemos que a grande contribuição desta revisão é a localização de experiências que vêm demonstrando o alcance pedagógico transformador do conhecimento. E que o olhar para as experiências dos sujeitos nos permite identificar a diversidade como as subjetividades vão compondo conhecimentos e aprendizagens que vão significando e constituindo distintos “pensar-sentir-fazer” (Damico; Bilibio, 2015) no campo profissional da Educação Física.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alvaro Rogério da Costa. **Educação física, saúde mental e o residencial terapêutico: um estudo autonarrativo**. Monografia (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2018.

<http://hdl.handle.net/10183/199261>

BILIBIO, Luiz Fernando Silva; DAMICO, José Geraldo Soares. Carta a um jovem professor. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 2, n. 2, 2011, p. 92-103.

<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1258>

BRACHT, Valter. **A Educação Física Escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser** (elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física). Ijuí: Ed. Unijuí. 2019.

BRACHT, Valter *et al.* A Educação Física Escolar Como Tema da Produção do Conhecimento nos Periódicos da Área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, v. 17, n. 02, ago de 2011, p. 11-34.

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.19280>

BRACHT, Valter *et al.* A Educação Física Escolar Como Tema da Produção do Conhecimento nos Periódicos da Área no Brasil (1980-2010): parte II. **Movimento**, v. 18, n. 02, abr/jun de 2012, p. 4-29.

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.30158>

BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 4º Ed. Ijuí: Unijuí. 2014.

BUENO, Conrado Alencastro. **Contos de um professor de educação física na saúde mental: (des) memórias de um residente em saúde mental coletiva**. Monografia (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2016.

<http://hdl.handle.net/10183/147969>

DAMICO, José Geraldo Soares; BILIBIO, Luiz Fernando Silva. Experimentação e encontro intercessor: produzindo pistas para a educação física na saúde mental. In: Bagrichevsky, Marcos (Org.). **Saúde coletiva**: dialogando sobre interfaces temáticas. Ilhéus, Ba: Editus, 2015, p. 53-91. https://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/saude_coletiva.pdf

FRASSON, Jéssica Serafim. **Epistemologias da Educação Física Escolar**: do alto da torre de marfim ao chão da realidade concreta. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH). 2020. <http://hdl.handle.net/10183/223001>

FRASSON, Jéssica Serafim; MOLINA NETO, Vicente; WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. A Produção Científica Resultante de Teses e Dissertações em Programas de Pós-Graduação em Educação Física no Período de 2013 a 2017. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, 2019, p. 1-13. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.85355>

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por Uma Pedagogia da Pergunta**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

GOLDSCHMIDT FILHO, Francisco. **O estágio curricular de educação física em um centro de atenção psicossocial (CAPS)**: um relato de experiência sobre o processo de aprendizagem em serviço. Monografia (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2013. <http://hdl.handle.net/10183/79481>

KÜHN, Ana claudia Battisti Reinke. **Experimentações e aprendizagem em uma internação psiquiátrica de um hospital geral**. Monografia (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. <http://hdl.handle.net/10183/172021>

KUNZ, Elenor. **Educação Física**: ensino e mudanças. 3 ed. Ijuí: Unijuí. 2012.

MAGALHÃES, Rafael de Lima. **Narrativas sobre a Educação Física, uma Unidade de Internação Psiquiátrica e a crise**. Monografia (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2019. <http://hdl.handle.net/10183/202154>

MEDINA, Paulo Subirá. **A Educação Física Cuida do Corpo... e “Mente”**: bases para a renovação e transformação da Educação Física. 9 ed. São Paulo: Papirus. 1990.

ROBLE, Odilon José; MOREIRA, Maria Inês Badaró; SCAGLIUSI, Fernanda Baeza. A educação física na saúde mental: construindo uma formação na perspectiva interdisciplinar. **Interface**. 2012, p. 567-78. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000033>

SANTOS, Fernanda Teixeira dos; ALBUQUERQUE, Maria Pelizer. O papel desinstitucionalizador da Educação Física na saúde mental. **Motrivivência**, 2014, p. 281–292. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2014v26n42p281>

SILVA, Cláudia Maria Duarte Dutra. **Educação física na saúde mental**: Residencial Terapêutico Morada São Pedro. Monografia (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012. <http://hdl.handle.net/10183/70274>

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Cortez Editora: São Paulo, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado)**. 2021.
http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=314

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORA DE SEÇÃO

Letícia de Assis

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 12.05.2024

Aprovado em: 09.09.2024